

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS,
VIRTUDES, ETC.

DR. FRANCISCO JOSE' DE LACERDA E ALMEIDA

Proseguindo no empenho de rebuscar e reunir modestamente os dados biographicos ácerca dos varões illustres nascidos no Brasil, vamos offerecer n'esta *Revista* mais alguns, que poderão aproveitar a outros escriptores que nos têm já favorecido, fazendo mais conhecidas tantas de nossas investigações d'este genero, respectivas aos tempos coloniaes.

Em meados do seculo passado nasceu na cidade de S. Paulo Francisco José de Lacerda e Almeida, filho de José Antonio de Lacerda.

Nada sabemos de seus primeiros annos, nem onde fez os primeiros estudos, nem quando deixou os lares patrios. Consta nos sómente que em Coimbra se matriculou no primeiro anno mathematico em 1772, e possuimos a certeza de que no dia 15 de Julho de 1773 ahí fez acto d'este anno na qualidade de obrigado, e que, passando a ordinario, fez o exame do segundo anno em 7 de Julho de 1774, do terceiro em 14 de Junho de 1775, do quarto em 20 de Maio de 1776, formando-se como bacharel a 21 de Julho d'este mesmo anno. Consta mais dos proprios assentos da universidade que defendeu theses a 17 de Junho de 1777, que o exame privado a 23 de Dezembro d'esse mesmo anno, passando a tomar o capillo ou o grão de doutor no dia imediato, conjuntamente com o seu condiscípulo e patrício (mineiro) Antonio Pires da Silva Pontes.

Foram dois grandes luminares que se apresentaram á

TONO XXXVI, P. II.

23

disposição do governo da metropole, cheios de fé e de vida, no momento em que, em virtude do tratado de limites celebrado com a Espanha no 1º de Outubro d'esse mesmo anno, tanto ia carecer de mathematicos e astronomos. Ora, tratando-se do Brasil, quanto mais natural era que preferisse os brasileiros, e que por seu turno estes preferissem a occasião de prestar serviços à sua propria patria! Foram ambos nomeados astronomos da terceira partida de demarcadores, que devia tomar a si, sob a direcção do governador da Mato-Grosso, toda a parte da fronteira desde o Jaurú até o Japurá.

Na charrua *Coração de Jesus* e *Agua Real* largaram ambos de Lisboa, com outros individuos nomeados para a dita terceira e para a quarta partidas, no dia 8 de Janeiro de 1780, havendo o Dr. Lacerda, pouco mais de dois meses antes, em 4 de Novembro, feito tirar em Coimbra a sua carta de doutor. Cremos que ambos iriam com praça na marinha. Pelo menos devia ir com ella o Dr. Pontes, quando em 1708 já era condecorado com o habito de Ayiz, e havia ascendido a capitão de fragata.

Chegaram ao Pará em 26 de Fevereiro e ahi se demoraram mais de cinco meses, partindo somente no dia 2 de Agosto em companhia do 1º commissario da quarta partida João Pereira Caldas, ao qual acompanharam até a villa de Barcellos, então capital da capitania do Rio-Negro, recentemente creada, que devia ser a paragem da junção das duas quartas partidas demarcadoras portugueza e castelhana.

Para não estarem ahi ociosos os nossos dois astronomos, enquanto se lhes não proporcionavam os meios de transportar-se ao seu destino, passaram a demarcar muitas paragens vizinhas, incumbindo-se o Dr. Lacerda, com um dos engenheiros, do Rio-Negro até acima de Marabitanas, bem como

do affluente Caupés; enquanto passavam a explorar o Rio Branco até as suas cabeceiras, o Dr. Pontes, com o outro engenheiro, o capitão Ricardo Franco de Almeida Serra, o qual ao depois tanto se recommendou por seus escriptos, como por varios feitos heroicos, vindo a fallecer em 1800 no forte de Coimbra, que oito annos antes tão bem soubera defender.

O Dr. Lacerda esteve de volta em Barcellos em fins de Janeiro de 1781; porém os seus companheiros Dr. Pontes e Almeida Serra sómente ahi se apresentaram de regresso no dia 17 de Maio d'esse anno. Taes dificuldades, porém, se apresentaram no arranjo dos transportes, que não poderam uns & outros d'ahi partir para o seu verdadeiro destino se- uão no 1º de Setembro.

Deixaremos de seguir os aqui, contando os trabalhos que passaram na viagem que emprehenderam pelas aguas do Amazonas e do Madeira até chegarem em 28 de Fevereiro do anno seguinte à capital de Mato-Grόsso, viagem descripta no *Diario* do proprio Lacerda, que foi publicado em S. Paulo em 1844, bem como também em outro, correcto em 1790, do seu companheiro da viagem Almeida Serra, que se acha reproduzido no tomo XX d'esta *Revista*. Baste-nos dizer que logo no primeiro mez de viagem, em 23 de Setembro, foram os expedicionarios atacados pelo gentio *Māra*, escapando o mesmo Lacerda de ser ferido por uma flecha que lhe passou junto do pescoco. Chegados atinal a Mato-Grόsso, depois de se ocuparem com algumas observações nos arredores da capital, passaram os nossos matematicos a fazer algumas viagens de exploração, sendo encarregado o Dr. Lacerda do baixo Guaporé e dos rios que n'ello desaguam pela margem esquerda, e o Dr. Pontes, com o engenheiro Serra, das campinas de Casalvasco até as origens do rio Barbados, e depois dos ter-

renos ao sul de Mato-Grosso, da serra e do rio de Agua-pehy, do Alegre, etc.

Em 1788 passou o Dr. Lacerda, com o seu co-íspanheiro astronomo e os dois engenheiros, a explorar o rio Paraguay, e todas as vertentes e lagôas que n'esse rio desembocam pela parte occidental até a bahia Negra, chegando a Albuquerque em 19 de Julho, e percorrendo em canoas grande parte dos campos vizinhos, então alagados e em algumas partes com mais de dez palmos de agua. Voltaram depois pelos rios, S. Lourenço e Cuyabá até a villa d'este nome, onde o Dr. Lacerda cultivou a amizade do seu comprovinciano, então ahí juiz de fora, Diogo de Toledo Lara Ordóñez. D'essa villa passou por terra à capital de Mato-Grosso, fazendo por toda a parte, quando podia, observações de latitudo e de longitude. O *Diario* que escreven foi publicado em S. Paulo em 1841 (pag. 29 a 43 do folheto), e no volume XX d'esta *Revista* se encontra o que por sua parte escreveu o engenheiro Almeida Serra ácerca d'esta mesmadi-ligencia.

Em 13 de Setembro de 1788 partiu o Dr. Lacerda para Cuyabá, e ahí chegou no dia 29. E seguindo depois a reconhecer os rios Taquary, Coxim, Camapuam, Sanguexuga, Pardo, Paraná e Tietê, chegou à cidade de S. Paulo a 10 de Janeiro do anno seguinte. Aqui se demorou até 13 de Maio de 1790, deixando consignadas no seu diario algumas páginas em elogio da sua patria e dos seus comprovincianos. Por fim, sendo mandado recolher a Portugal, partiu para Santos, e, embarcando-se ahí em 10 de Junho, veiu a chegar a Lisboa aos 21 de Setembro, mais de dez annos e meio depois que d'ahi partira para o Pará.

Em Lisboa apresentou à academia das sciencias, que o admittiu por socio, o *Diario* da sua ultima viagem, desde Villa-Bella até Santos, com um mappa de parte do curso do

Paraguay, levantado em 1786, desculpando-se de não oferecer outros mappas por lhe haverem os escravos extraviado em sua ausencia muitos papeis. Algum tempo depois ofereceu á mesma academia o mappa do Guaporé desde Villa-Bella até a sua confluencia no Mamoré, acompanhado de uma pequena memoria acerca das missões castelhanas nos afluentes do Guaporé por elle visitados. Esta memoria acha-se publicada no volume XII da *Revista do Instituto* de pag. 106 a 119.

Em Lisboa residiu alguns annos; mas o seu genio afeito já a uma vida mais activa não podia conformar-se com a monotona permanencia em uma cidade de tão pouca animação, como era então a metropole portugueza. Subindo ao ministerio D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ao depois conde de Linhares, propôz-se o Dr. Lacerda a desempenhar algum lugar em ultramar, e o emprehendedor ministro, apreciando devidamente o saber e a experiençia adquirida pelo Dr. Lacerda em tantas viagens por sertões inhospitos, assentou ser chegado o momento de incumbi-lo de emprehender de novo a jornada por terra entre Moçambique e Angola, com mais proveito para a sciencia geographica do que as que desde o seculo XVI haviam sido effectuadas pelos proprios portuguezes, sem de nenhum ficar o minimo roteiro e ainda menos observações astronomicas. Que esse transito havia sido effectuado por brancos mais de uma vez nos dão testemunho os antigos escriptores. Já em 1563 publicara Garcia d'Orta (2^a edição, fl. 574), que da illa de S. Thomé a Sofala e Moçambique, viéra, atravessando o continente da Africa, um clérigo, que depois passou á Gôa, onde elle o « conhecera mal bem. » Juntamente um seculo depois, em 1663, escrevia o padre Manoel Godinho, no cap. XXV do seu *Itinerario da India por terra*, as seguintes notícias, que hoje estão todas confirmadas com as explorações do infatigável Dr. Livingston:

« O caminho de Angola por terra á India (diz Godinho) não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado, porque de Angola á lagoa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 45 leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento), são menos de 230 leguas. Esta lagoa põem os cosmographos em 15° 50', e, segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Bantu e outros d'aquelle Cafraria, fica esta lagoa não muito longe de Zinsbané, que quer dizer corte de Mesura ou Marabia. Sahu d'ella o rio Aruui, que por cima do nosso forte de Tete se mette ao rio Zambeze. E tambem o rio Chire, que cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vai ajuntar com o rio de Cuama para baixo de Sena. Isto supposto, digo agora: quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique, d'aqui á India, atravessando o sertão da Cafraria, deve jandar a sobreolita lagoa Zachaf, e, em a achando, descer pelos rios aos nossos fortes de Tete e Sena; d'estes á barra de Quilimane, de Quilimane a Moçambique, etc. Que haja a tal lagoa dizem-n'o não só os caires, senão portuguezes, que já lá chegaram, navegando pelos rios acima; e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que ha de levar, o modo com que se deve haver pelas terras por que passar, disse já em outro papel que se me pediu para bem do descobrimento. »

O rio *Chire* ainda hoje conserva este nome, segundo vemos dos mappas do mesmo Livingston; o *Aruui* é sem dúvida o *Ruui* ou *Aruanga*, bem como a lagoa *Zachaf*, a chamada hoje *Niassa* ou *Nhanja*; conservando-se aquelle nome por ventura na adulteração de *Chissaga* das terras commarcas.

Para dar ao Dr. Lacerda mais autoridade e permittir-lhe o dispôr de todos os recursos la colonia, d'onde devia começar a jornada, foi elle nomeado governador subalterno dos rios de Sena; e provavelmente receberia tambem a graduação de capitão de fragata; como sucedeu com o seu companheiro o Dr. Pontes, nomeado por esse mesmo tempo governador subalterno do Espírito-Santo, com o encargo de abrir a comunicação para Minas pelo Rio Doce.

Partiu logo o Dr. Lacerda para o seu destino, e depois de preparar-se em Tête, não tardou em se pôr a caminho. Mas, ao chegar ás terras do Cazembe, foi accomettido de grave enfermidade, que, rebelde a todos os soccorros, lhe roubou a vida. Antes de falecer, entregou todos os trabalhos feitos ao seu immedio, recommendando-lhe muito que, por caso algum, deixasse de proseguir na empreza por elle já levada tão adiante, sob mui favoraveis auspicios...

Porém o Dr. Lacerda era a alma da expedição; e faltando essa alma, os demais companheiros não se atreveram a prosseguir, e regressaram a Tête, desandando o caminho já feito e conduzindo consigo todos os instrumentos e os manuscritos e trabalhos do mesmo Dr. Lacerda. Estes não foram até hoje publicados, nem talvez exista d'elles mais traslados que os que possue em seu archivo o Instituto Historico do Rio, onde ainda em 1868 os vimos e até em duplicado.

Embora de assumpto estranho á chorographia do nosso paiz, sendo obra de um brasileiro que se propozéra a tão gloria empreza, não devem considerar-se estranhos ao Brasil, pelo que pedimos ao mesmo Instituto que, por gloria sua e do Brasil, faça á historia geographic a serviço de publicar por primeira vez na sua *Revista*, embora em typos menores e como documento appenso a esta biographia, as observações e notas deixadas por esse exímio paulista, cujos

ossos ficaram nos sertões d'Africa. Tal publicação, além de ser o mais honroso e perdurável monumento que podemos hoje levantar à sua memoria, virá a fornecer alguns dados mais a esta biographia, começando talvez pela apuração do dia em que morreu. Essa publicação virá também por ventura a mostrar como, se o Dr. Lacerda não tivesse tão infelizmente falecido na empreza, as sciencias geographicas poderiam ter possuído meio século antes muitos dos esclarecimentos e observações astronomicas que elas vieram a dever ao Dr. Livingston.

Barão de Porto Seguro

DR. ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES LEME

Ao ocuparmo-nos da biographia do Dr. Lacerda, encontramo-nos tão associada à do seu condiscípulo, e companheiro nos sertões do Brasil, o Dr. Pontes, que natural nos parece o dedicar-lhe desde já aqui algumas linhas biographicas, que talvez ao dante poderemos enriquecer com mais algumas notícias que pedimos.

Nascera Antonio Pires da Silva Pontes Leme (como o dito seu companheiro) em meados do século passado; porém em Minas, na freguezia de N. S. do Rosario, comarca de Mariana, chamando-se seu pai José da Silva Pontes.

Conjuntamente com o paulista Lacerda, se matriculou em Coimbra em 1772 no 1º anno da facultade de mathe-matica. Em 12 de Julho de 1773, dois dias antes que o mesmo Lacerda (provavelmente em virtude da precedencia que segundo a ordem alphabetic a lhe conferia o seu nome de baptismo) fez acto d'esse 1º anno; vindo a fazel-o do 2º em 11 de Julho de 1774; do 3º em 10 de Junho de 1775;